

A SACERDOTISA DE AVALON

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

parte I

o caminho
para o amor

minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Um

259 d.C.

— **A**h! VEJO ÁGUA BRILHANDO AO SOL! É O MAR?
Enfiei os calcanhares nos flancos arredondados do pônei para emparelhá-lo ao cavalo grande de Corinthius. O animal saiu num trote duro enquanto eu agarrava sua crina.

— Ah, Helena, seus olhos jovens estão melhores que os meus — respondeu o velho, que tinha sido professor de meus meio-irmãos antes de se ocupar de mim. — Um brilho de luz é tudo que consigo ver. Mas acho que, diante de nós, devem estar as planícies do País do Verão, inundadas pelas chuvas da primavera.

Joguei para trás uma mecha de cabelo e olhei em volta. As águas eram entrecortadas por outeiros de terreno alto, como ilhas, e divididas por filas sinuosas de árvores. Além dos outeiros, divisava uma linha de colinas onde Corinthius dissera que havia minas de chumbo, terminando em uma névoa brilhante que deveria ser o estuário do Sabrina.

— Então estamos quase lá?

O pônei jogou a cabeça quando apertei seus flancos e então puxou as rédeas.

— Estamos, se as chuvas não tiverem levado embora a passagem elevada e conseguirmos localizar a vila do povo do lago que meu mestre me disse para encontrar.

Olhei para ele com uma ligeira pena, pois parecia muito cansado. Podia ver rugas no rosto magro sob o chapéu de palha largo, e ele estava sentado na sela todo encurvado. Meu pai não deveria ter feito o velho viajar toda aquela distância. Mas quando a jornada acabasse, Corinthius, um grego que vendera a si mesmo como escravo quando era jovem em troca de dotes para as irmãs, teria sua liberdade. Fizera um bom pé-de-meia ao longo dos anos e tinha a intenção de montar uma escola em Londinium.

— Vamos chegar à vila do lago pela tarde — disse o guia que tinha se juntado à minha escolta em Lindinis.

— Quando chegarmos lá, vamos descansar — afirmei enérgica.

— Pensei que estava ansiosa para chegar ao Tor — comentou Corinthius, com bondade. *Talvez ficasse triste em me perder*, pensei, sorrindo para ele. Depois de meus dois irmãos, que não ligavam para nada a não ser caçar, ele havia dito que sentia prazer em ensinar alguém que realmente queria aprender.

— Terei o resto da vida para desfrutar de Avalon — respondi. — Posso esperar mais um dia para chegar.

— E começar novamente seus estudos — riu Corinthius. — Dizem que as sacerdotisas de Avalon preservaram a velha sabedoria druida. É um pequeno consolo saber que não vai passar a vida cuidando da casa de algum magistrado gordo, parindo os filhos dele.

Sorri. A mulher de meu pai tinha tentado me convencer de que aquela vida era a maior aspiração de uma mulher, mas eu sempre soubera que mais cedo ou mais tarde iria para Avalon. Foi mais cedo por causa da rebelião de um general chamado Póstumo, cuja guerra tinha isolado a Britânia do império. Desprotegida, a costa sudeste estava vulnerável a saqueadores, e o príncipe Coelius achava melhor mandar a filhinha para a segurança de Avalon enquanto ele e os filhos se preparavam para defender Camulodunum.

Por um momento, então, meu sorriso se desfez, pois eu sempre fora a menina dos olhos de meu pai, e odiava pensar que ele pudesse estar em perigo. Mas sabia bem que enquanto ele estivesse longe de casa, minha vida lá não teria sido feliz. Para os romanos, eu era a filha ilegítima de meu pai, sem família por parte de mãe, pois era proibido falar de Avalon. Na verdade, Corinthius e a velha Huctia, que tinha sido minha ama, foram minha família, e Huctia morrera no inverno anterior. Estava na hora de voltar para o mundo da minha mãe.

A estrada agora descia, serpenteando suavemente para lá e para cá na encosta da colina. Ao sairmos da cobertura das árvores, levantei a mão para proteger os olhos do sol. Abaixo, as águas se estendiam sobre a terra como um lençol de ouro.

— Se você fosse um cavalo das fadas — murmurei para o pônei —, poderíamos galopar por aquele caminho brilhante até Avalon.

Mas o pônei apenas balançou a cabeça e se esticou para uma boca-da-grama, e continuamos a descer pela estrada, um passo por vez até chegarmos aos troncos escorregadios da passagem. Agora eu via as hastes cinzentas da grama do verão passado ondulando na água e, além delas, as touceiras de junco que circundavam os canais e lagoas perenes. A água mais profunda era escura, carregada de mistério. Que espíritos governavam aqueles pântanos, onde todos os elementos eram tão confusos e misturados que não era possível saber onde acabava a terra e começava a água? Estremeci um pouco e virei o olhar para o dia luminoso.

Conforme a tarde se arrastava para a noite, uma névoa começou a se levantar da água. Seguíamos mais lentamente agora, deixando as montanhas escolherem onde pisavam nas toras escorregadias. Eu cavalgava desde que aprendera a andar, mas até ali, cada dia da jornada havia sido curto, apropriado para a resistência de uma criança. A viagem daquele dia, o estágio final de nossa jornada, tinha sido mais longa. Sentia uma dor fraca nas pernas e nas costas e sabia que ficaria feliz em desmontar da sela quando o dia terminasse.

Saímos de baixo das árvores, e o guia refreou a montaria, apontando. Além do emaranhado de charcos e matas, levantava-se uma colina pontuda. Eu tinha sido tirada daquele lugar quando mal completara um ano e, ainda assim, com uma certeza além da memória, sabia que estava olhando para o Tor sagrado. Tocado pelos últimos raios de sol, ele parecia brilhar por dentro.

— A Ilha de Vidro... — murmurou Corinthius, arregalando os olhos com apreço.

Mas não Avalon..., pensei, recordando as histórias que tinha ouvido. O amontoado de casinhas redondas de pedra ao pé do Tor pertencia à pequena comunidade de cristãos que vivia ali. A Avalon dos druidas estava nas brumas entre aquele mundo e o mundo das fadas.

— E ali está a vila do povo do lago — disse o guia, indicando os rastros de fumaça que subiam por trás dos salgueiros. Quando ele bateu as rédeas contra o pescoço de seu pônei, todos os cavalos, sentindo o fim da jornada, foram para a frente com entusiasmo.

— Temos a barca, mas para cruzar até Avalon precisam de sacerdotisa. Ela diz se podem entrar. Tem que ser agora? Querem que a chame?

As palavras do chefe eram respeitosas, mas havia pouca deferência na postura dele. Seu povo era o guardião de Avalon há quase trezentos anos.

— Não nesta noite — respondeu Corinthius. — A moça aguentou uma longa jornada. Que tenha uma boa noite de sono antes de precisar conhecer todas as pessoas em seu novo lar.

Apertei a mão dele com gratidão. Estava ansiosa para chegar a Avalon, mas, agora que nossa jornada chegara ao fim, tive a consciência dolorosa de que não veria Corinthius de novo, e só então percebi o quanto gostava daquele homem. Eu havia chorado quando minha ama morrera e sabia que choraria por perder Corinthius também.

O povo do lago nos recebeu em uma das casas redondas de teto de sapé erguidas em palafitas no charco. Um bote longo e baixo estava

amarrado ao lado dela, e uma ponte que estalava a conectava com o terreno alto. Os moradores da vila eram um povo pequeno, de estrutura esguia, com cabelos e olhos escuros. Aos dez anos, eu já era tão alta quanto uma mulher adulta deles, embora tivesse o mesmo cabelo castanho-escuro. Observei-os com curiosidade, pois ouvira que minha mãe tinha sido parecida com eles ou talvez tanto ela quanto eles se assemelhassem ao povo das fadas.

Os aldeões nos trouxeram uma cerveja rala e um cozido de peixe e painço temperado com alho-selvagem, e bolos achatados de aveia assados na lareira de pedra. Quando terminamos de comer o cardápio simples, nos sentamos perto do fogo com corpos cansados demais para qualquer movimento e mentes que ainda não estavam prontas para dormir. Ficamos observando as chamas esmaecerem em brasas que brilhavam como o sol desaparecido.

— Corinthius, quando tiver sua escola em Londinium, vai se lembrar de mim?

— Como poderia me esquecer de minha mocinha, brilhante como um dos raios de Apolo, quando estiver lutando para enfiar hexâmetros em latim nas cabeças duras de uma dúzia de meninos? — Os traços gastos se vincaram quando ele sorriu.

— Precisa chamar o Sol de Belenos — eu disse — nesta terra do norte.

— Quis dizer o Apolo dos hiperbóreos, minha criança, mas é tudo a mesma coisa...

— Realmente acredita nisso?

Corinthius levantou uma sobrancelha.

— “Apenas um sol brilha aqui e na terra em que nasci, embora nós o chamemos por nomes diferentes. No domínio da Ideia, os grandes princípios por trás das formas que vemos são os mesmos.”

Franzi o cenho, tentando compreender suas palavras. Ele tinha tentado explicar os ensinamentos do filósofo Platão, mas achei difícil compreendê-los. Cada lugar que eu visitava tinha seu próprio espírito, e esses espíritos eram distintos como as almas humanas. Aquela terra que chamavam de País do Verão, toda formada por colinas, florestas e lagoas escondidas, parecia um mundo diferente dos campos largos e planos com bosques em volta de Camulodunum. Avalon, se as histórias que eu ouvira fossem verdade, seria ainda mais estranha. Como seus deuses poderiam ser os mesmos?

— Acho que é você, pequena, com toda a vida diante de si, que vai se esquecer de mim — disse então o velho. — O que foi, criança? — ele acrescentou, curvando-se para levantar a mecha de cabelo que escondia meus olhos. — Está com medo?

— E se... se eles não gostarem de mim?

Por um instante Corinthius acariciou meu cabelo, e então recostou-se com um suspiro.

— Devo dizer-lhe que para o verdadeiro filósofo isso não deveria ter importância, pois a pessoa virtuosa não precisa da aprovação de ninguém. Mas que conforto isso traz a uma criança? Todavia é verdade. Há pessoas que não gostam de você, não importa o que faça, e, quando isso acontece, você pode apenas tentar servir a Verdade como a vê. E ainda assim, se conquistou meu coração, certamente haverá outros que também a amarão. Procure aqueles que precisam de seu amor, e eles devolverão a bênção.

O tom dele era estimulante, então engoli em seco e consegui sorrir. Eu era uma princesa, e um dia seria também uma sacerdotisa. Não devia deixar que as pessoas me vissem chorar.

Houve um agito na porta. A coberta de pele de vaca foi empurrada para o lado, e vislumbrei uma criança segurando um filhote de cachorro que se retorcia. A mulher do chefe o viu e disse algo reprovador no dialeto do lago. Apreendi a palavra para cão de caça e percebi que diziam a ele para tirar o cão dali.

— Ah, não... eu gosto de filhotes! — exclamei. — Por favor, deixe-me vê-lo!

A mulher parecia em dúvida, mas Corinthius assentiu, e o menino veio até mim, sorrindo, e soltou o animal nas minhas mãos estendidas. Ao apertar aquela trouxinha peluda que se contorcia, comecei a sorrir também. Já podia ver que não era um dos galgos graciosos que costumavam se recostar com uma nobre dignidade no salão do meu pai. Aquele filhote era muito pequeno, o pelo cor de creme já grosso demais, e a cauda, muito enrolada. Mas os olhos castanhos brilhavam de interesse, e a língua que oscilava debaixo do botão negro e úmido do nariz para lambe minha mão era rosa e morna.

— Isso, isso mesmo, e você não é uma gracinha? — Apertei o cãozinho contra o peito e ri de novo quando ele tentou lambe meu rosto.

— Uma criatura sem raça nem modos — disse Corinthius, que não gostava de animais. — E provavelmente tem pulgas...

— Não, senhor — respondeu o menino —, é cão das fadas.

Corinthius levantou uma sobrancelha eloquente, e o menino franziu o cenho.

— Falo verdade! — exclamou. — Aconteceu antes. A mãe some por dois, três dias. Tem um filhote só, branco como esse. Cachorro das fadas vive muito, e se não morto, quando velho, some. Cachorro vê espíritos e sabe caminho para Além-Mundo!

Sentindo o calor vivo da criatura em meus braços, escondi o rosto no pelo suave para mascarar meu próprio riso, pois o resto do povo do lago assentia solenemente, e eu não queria insultá-los.

— Ela presente, vai cuidar de você — disse então o menino.

Contive mais um ataque de riso com a ideia de que aquela bola de pelos poderia proteger o que quer que fosse e então me endireitei para sorrir para o menino.

— Ela tem nome?

O menino deu de ombros.

— Povo das fadas sabe. Talvez ela diga a você um dia.

— Vou chamá-la de Eldri, até que eles me digam, pois ela é branca e delicada como a flor do sabugueiro. — Eu a observei enquanto dizia isso, e então olhei de volta para o menino. — E você? Tem nome?

Escondi o quanto estava achando aquilo divertido ao ver um rubor esquentando a pele pálida dele.

— É “Lontra” em sua língua — ele respondeu, enquanto os outros riam.

Um nome de uso, pensei. Em sua iniciação, ele receberia outro que só seria conhecido dentro da tribo. E como deveria responder a ele? No mundo de meu pai, eu era Julia Helena, mas aquilo parecia irrelevante ali. Melhor usar o nome que minha mãe me dera quando nasci.

— Obrigada — eu disse. — Pode me chamar de Eilan.

Acordei de um sonho com muitas águas, piscando na luz da manhã. Tinha estado em uma longa barca achatada que deslizava silenciosamente através da névoa rodopiante até que ela se partia para revelar uma bela ilha verde. Mas então o cenário mudava, e eu estava em uma galé que se aproximava de uma planície infinita de pântanos com um grande rio cinza-esverdeado que se dividia em uma miríade de canais mar adentro. Então a visão mudava para uma terra de pedras e areias douradas banhada por um mar azul brilhante. Mas a ilha verde era a mais bela. Algumas vezes na vida, eu sonhara coisas que se tornaram verdade. Eu me perguntei se essa seria uma delas. Mas a memória já escapava. Suspirei e abri os olhos.

Empurrei as peles de dormir em que tinha me aninhado com Eldri, enrolada contra mim, e esfreguei os olhos. Agachada ao lado da fogueira do chefe e bebendo chá de uma taça de argila grosseira havia alguém que eu não tinha visto antes. Notei primeiro a longa trança marrom e a manta azul, e então, quando ela se virou, a marca da sacerdotisa tatuada entre

as sobrancelhas. O crescente azul ainda estava brilhante, e o rosto macio era o de uma garota. Não fazia muito tempo que fora iniciada. Então, como se sentisse meu olhar sobre ela, a sacerdotisa se virou, e meus olhos baixaram diante daquele olhar distante e perene.

— O nome dela é Suona — disse Corinthius, dando tapinhas em meu ombro. — Ela chegou agora ao amanhecer.

Eu me perguntei como o chefe a tinha chamado. O povo das fadas levava a mensagem ou havia algum feitiço secreto?

— É essa a moça? — perguntou Suona.

— A filha do príncipe Coelius de Camulodunum — respondeu Corinthius. — Mas sua mãe era de Avalon.

— Ela parece velha para começar o treinamento aqui...

Corinthius balançou a cabeça.

— Ela é bem crescida para a idade, mas tem apenas dez invernos. E Helena não ficou sem educação. Foi ensinada a usar a mente assim como a fazer o trabalho de uma mulher. Lê e escreve em latim e sabe um pouco de grego, e aprendeu os números também.

Suona não parecia muito impressionada. Levantei o queixo e enfrentei o olhar escuro com firmeza. Por um momento senti uma sensação estranha de formigamento na cabeça, como se algo tivesse tocado minha mente. Então a sacerdotisa assentiu de leve, e o formigamento parou. Pela primeira vez, ela falou diretamente comigo.

— Ir para Avalon é desejo seu ou de seu pai?

Senti o coração bater forte, mas fiquei aliviada quando minhas palavras saíram firmes.

— Quero ir para Avalon.

— Deixe a criança tomar seu desjejum, e então estaremos prontos — disse Corinthius, mas a sacerdotisa balançou a cabeça.

— Você não, apenas a moça. Forasteiros são proibidos de olhar para Avalon, exceto quando os deuses pedem.

Por um momento, o velho pareceu emocionado, então baixou a cabeça.

— Corinthius! — senti lágrimas brotando em meus próprios olhos.

— Não tem importância... — Ele deu um tapinha em meu braço.

— Para o filósofo, todas as afeições são transitórias. Devo me esforçar para ficar mais alheio, só isso.

— Mas você não vai sentir minha falta? — agarrei-me à mão dele.

Ele ficou de olhos fechados um instante. Então soltou a respiração em um longo suspiro.

— Sentirei sua falta, filha do coração — ele respondeu baixo —, mesmo sendo contra minha filosofia. Mas você encontrará novos amigos e aprenderá coisas novas, não tema.

Pousou a mão sobre minha cabeça brevemente, e senti as palavras que ele não se permitia dizer.

Senti Eldri agitando-se em meu colo, e o momento de angústia começou a se dissipar.

— Não me esquecerei de você — afirmei resolutamente, e fui recompensada com o sorriso dele.

Meus dedos apertaram a borda da barca enquanto os barqueiros empurravam as varas e a embarcação deslizava para longe da margem. Durante a noite, outra névoa havia se levantado da água, e o mundo além da vila era mais sentido do que visto. Apenas uma vez, quando cruzamos o Tamesis em Londinium, eu estivera em um barco. Tinha me sentido quase sobrepujada pela tremenda força do rio e quase chorei quando chegamos à outra margem porque não tinha permissão para seguir aquelas águas até o mar.

No lago, o que sentia com mais intensidade era a profundidade, o que parecia estranho, já que o fundo ainda estava ao alcance das varas dos barqueiros, e eu podia ver as linhas ondulantes das hastes dos juncos sob a superfície da água.

Mas a evidência de meus olhos parecia uma ilusão. Senti as águas que corriam no fundo do lago e percebi que as vinha sentindo desde que começáramos a cruzar as planícies, mesmo quando estávamos sobre o que, aqui, se passava por terra seca. Ali havia pouca distinção entre terra e água, assim como pouca separação entre o mundo dos homens e o Além-Mundo.

Olhei com curiosidade para a mulher sentada na proa, de manto e capuz azul. Para ser sacerdotisa, era necessário se tornar tão distante do sentimento humano? Corinthius também pregava o distanciamento, mas eu sabia que ele tinha um coração sob a túnica de filósofo. *Quando me tornar uma sacerdotisa, não vou me esquecer do que é o amor!*, prometi a mim mesma.

Desejava muito que tivessem permitido que meu velho professor me acompanhasse naquele último pedaço do caminho. Ele ainda acenava para mim da costa, e embora tivesse se despedido de mim com o comedimento de um verdadeiro estoico, tive a impressão de ver um brilho em seus olhos que poderiam ser lágrimas. Enxuguei meus próprios olhos e acenei de volta com mais força, e então, quando o primeiro véu de névoa soprou entre nós, me acomodei de novo no banco.

Ao menos ainda tinha Eldri, aconchegada seguramente na dobra onde minha túnica pendia sobre o cinto. Sentia o calor da cachorrinha

no peito e a acariciei de modo tranquilizador sobre o pano. Até ali, ela não tinha latido ou se agitado, como se entendesse a necessidade de ficar em silêncio. Desde que o filhote ficasse escondido, ninguém poderia me proibir de levá-lo a Avalon.

Abri o decote solto da túnica e sorri para os dois olhos brilhantes que me fitavam, então envolvi a manta com folga em torno de mim mais uma vez.

A névoa estava ficando mais espessa, espalhando-se em espirais densas sobre a água como se não apenas a terra, mas o ar se dissolvesse de volta para dentro do útero aquoso primevo. Dos elementos pitagóricos sobre os quais Corinthius me falara, apenas o fogo ficava de fora. Respirei fundo, ao mesmo tempo perturbada e estranhamente tranquilizada, como se algo dentro de mim reconhecesse aquela mistura instável e a acolhesse.

Estávamos bem avançados no lago agora, e os barqueiros remavam. Conforme a barca se movia para a frente, a vila de palafitas desaparecia na bruma atrás de nós. O Tor também estava sumindo. Pela primeira vez, senti um estremecimento de medo. À frente, havia apenas a vila dos monges... para onde me levavam?

Mas Eldri aquecia meu coração, e, na proa, a jovem sacerdotisa sentava-se em silêncio, o rosto sereno. Suona era uma moça sem muita beleza, no entanto, pela primeira vez entendi o que minha ama queria dizer quando falava para eu me sentar como uma rainha.

Embora não visse sinal algum, os barqueiros levantaram os remos abruptamente e os colocaram sobre o colo. A barca flutuava silenciosamente, as últimas ondulações de sua passagem alargando-se de cada lado. Senti uma pressão nos ouvidos e balancei a cabeça para aliviá-la.

Por fim, a sacerdotisa se moveu, jogando o capuz para trás ao se levantar. Com os pés firmes, pareceu se tornar mais alta ao levantar os braços em uma invocação. Ela tomou fôlego, e seus traços comuns ficaram radiantes de beleza. *Os deuses têm essa aparência...*, pensei, enquanto Suona vocalizava uma sequência de sílabas musicais em uma língua que eu jamais ouvira antes.

Então aquilo também foi esquecido, pois as brumas começaram a se mover. Os barqueiros haviam tapado os olhos, mas mantive os meus abertos, mirando as nuvens cinza começando a brilhar com um arco-íris. A luz girava em sentido horário em torno delas, as cores mesclando-se, descolando a realidade do tempo. Por uma eternidade impossível ficamos entre os mundos. Então, com uma explosão final de radiância, as brumas se tornaram uma nébula de luz.

A sacerdotisa voltou ao seu assento, com suor brotando da testa. Os barqueiros pegaram os remos e começaram a remar para a frente como

se aquilo não tivesse sido mais que uma pausa para descansar os braços. Soltei a respiração que não sabia que estava prendendo. *Eles devem estar acostumados com isso...*, pensei, atordoada, e então: *como alguém pode se acostumar com essa maravilha?*

Por um momento, embora os remos mergulhassem, não parecíamos nos mover. Então a bruma clara de repente se dissipou, e o Tor ressurgiu em nossa direção. Uni as palmas das mãos, reconhecendo a bela ilha verde.

Mas era mais do que eu vira no sonho. Eu quase esperei ver o amontoado de cabanas de madeira que tinha avistado quando estava na vila do povo do lago, mas elas estavam em Inis Witrin, a ilha dos monges. No lugar delas, na Ilha de Avalon, havia edifícios de pedra. Já vira prédios romanos que eram maiores, mas nenhum que fosse ao mesmo tempo tão imenso e tão gracioso, com pilastras cônicas de pedras polidas. Abençoadas pelo sol da primavera, as construções pareciam brilhar por dentro.

Subitamente entendi. O formato da ilha diante de mim era o mesmo daquela que tinha vislumbreado da vila do lago, mas de algum modo tínhamos passado para Outro Lugar, como se tivéssemos dobrado uma esquina para o mundo do Sonho. Certa vez, minha ama sussurrara para mim a história de uma grande sacerdotisa que arrancara uma ilha mágica do Tempo para um Lugar que, se não era o mundo das fadas, já não era mais totalmente o mundo dos homens. Eu me perguntei se as orações dos monges eram perturbadas por vislumbres da Outra Avalon que jazia como uma sombra brilhante, tão perto deles. E, naquele momento, eu soube também que Avalon era meu destino.

Se tivesse sido capaz de falar, teria implorado aos homens para pararem o barco, para me dizerem o que era cada casa, agora enquanto podia compreender a harmonia delas. Mas a terra se aproximava rápido demais. No instante seguinte, o fundo da barca raspou na areia e deslizou para a margem.

Pela primeira vez, a jovem sacerdotisa sorriu. Ela ficou de pé e me estendeu a mão.

— Bem-vinda a Avalon...

— Olhe, é a filha de Rian — os sussurros corriam. Eu os ouvia claramente ao entrar no salão.

— Não pode ser. Ela é alta demais, e Rian morreu faz só dez anos.

— Deve ter puxado a família do pai.

— Isso não vai atrair a simpatia da Senhora — veio a resposta, com um risinho.

Engoli em seco. Era difícil fingir que não ouvia, e mais difícil ainda andar com a postura orgulhosa da filha de um nobre como minha ama tinha ensinado, quando minha vontade era olhar o salão das sacerdotisas como uma camponesa passando pela primeira vez sob o grande portão de Camulodunum.

O salão era circular, como as casas que os britânicos costumavam construir antes da chegada dos romanos, mas aquela edificação era de pedra. A parede externa era apenas do tamanho de um homem alto, mas um círculo de pilares de pedra apoiava o teto inclinado, entalhado com espirais e nós triplos, zigue-zagues e faixas de cores torcidas. As vigas do teto não chegavam a se encontrar, e pelo círculo aberto no centro entrava um feixe de luz.

A galeria redonda estava na penumbra, mas as sacerdotisas de pé no centro estavam radiantes. Ao pilotar a barca através das brumas, Suona usava uma túnica de pele de cerdo. Ali, eu estava cercada por um mar de sacerdotisas azuis. Algumas das mulheres usavam os cabelos em uma trança nas costas como Suona, mas outras os traziam presos no alto ou soltos sobre os ombros. O sol brilhava em suas cabeças descobertas, loiras, morenas, prateadas e acobreadas.

Pareciam ser de todas as idades e tamanhos, semelhantes apenas pelo crescente azul pintado entre as sobrancelhas – e também por algo indefinível em seus olhos. Depois de refletir, decidi que era serenidade, e desejei tê-la, pois meu estômago pulava de ansiedade.

Ignore, disse a mim mesma com severidade. Vai viver com essas pessoas pelo resto de sua vida. Vai olhar para este salão tantas vezes que não vai mais vê-lo. Não há necessidade de ficar olhando agora, ou de sentir medo.

Especialmente agora, meu pensamento continuou, conforme as mulheres diante de mim se moveram para os lados e vi a grã-sacerdotisa me esperando. Mas meu sentimento de incerteza voltou quando senti o filhote das fadas se agitar dentro de meu vestido. Sabia que deveria ter deixado a cachorra na Casa das Donzelas, para onde tinham me levado logo após a chegada, mas Eldri estava dormindo, e tive a impressão de que, se ela acordasse em um ambiente estranho, poderia se assustar e fugir. Não havia pensado no que poderia acontecer caso a cachorra acordasse durante minha recepção formal em Avalon.

Cruzei os braços, pressionando o corpo peludo e quente contra o peito em uma tentativa de tranquilização. Eldri era uma cachorra mágica – talvez pudesse ouvir meu pedido silencioso para que ficasse quieta.

O murmúrio das vozes das mulheres se tornou silêncio quando a grã-sacerdotisa levantou a mão. Elas se acomodaram em um círculo, com as sacerdotisas mais experientes ao lado de sua Senhora, e as donzelas,

sufocando risinhos, no fim. Achei que eram cinco delas, mas não ousei olhar por tempo suficiente para ter certeza.

Todos os olhares estavam voltados para mim. Fiz um esforço para continuar seguindo em frente.

Agora podia ver a Senhora claramente. Ganeda tinha acabado de passar da meia idade, o corpo grosso por causa da maternidade. O cabelo, que tinha sido ruivo, estava polvilhado de cinza como uma brasa se apagando. Parei diante dela, imaginando qual cumprimento seria apropriado para a Senhora de Avalon. Minha ama tinha me ensinado as reverências adequadas para posições até a de imperatriz, por mais improvável que fosse qualquer César voltar algum dia a um local tão longínquo como a Britânia.

Não posso errar se fizer a saudação devida a uma senhora imperial, pensei. Pois, na verdade, ela é a imperatriz em sua própria esfera.

Quando eu me endireitei, vi os olhos da velha mulher e tive a impressão de que, por um momento, a carranca de Ganeda tinha sido suavizada por um vislumbre de bom-humor, mas talvez tenha imaginado, pois, no momento seguinte, a grã-sacerdotisa estava novamente com o rosto rígido.

— Então... — Ganeda por fim falou. — Você veio a Avalon. Por quê? A pergunta foi lançada subitamente, como uma lança no escuro.

Olhei de volta para ela, sem palavras.

— Assustou a pobre criança — disse uma das outras sacerdotisas, uma mulher maternal com cabelo loiro que começava a ficar grisalho.

— Foi uma pergunta simples, Cigfolla — respondeu a grã-sacerdotisa, de modo sarcástico —, que preciso fazer a todas que buscam a irmandade de Avalon.

— Ela quer saber — disse Cigfolla — se você veio para cá por sua própria vontade, e não pela coerção de algum homem. Busca o treinamento de uma sacerdotisa, ou apenas um tempo de aprendizado antes de voltar para o mundo?

Ela sorriu de forma encorajadora.

Franzi o cenho, reconhecendo a legitimidade da pergunta.

— Foi pela vontade de meu pai que vim para cá neste momento, por causa dos saques dos saxões — disse lentamente, e vi uma espécie de satisfação brilhar nos olhos de Ganeda. — Mas sempre foi meu destino retornar a Avalon — continuei.

Se tivesse existido alguma dúvida, aquela jornada pelas brumas a teria dissipado. Aquela era a magia no coração das coisas que eu sempre soubera que deveria estar lá. Naquele momento, tinha reconhecido meu legado.

— Trilhar o caminho de uma sacerdotisa é meu desejo mais sincero...

Ganeda suspirou.

— Cuidado com o que deseja, pois pode realmente conseguir... De qualquer maneira, você disse as palavras, e no fim é a Deusa quem decidirá se vai aceitá-la, não eu. Então eu lhe dou boas-vindas.

Houve um murmúrio das outras sacerdotisas com aquela aceitação relutante. Pisquei para afastar as lágrimas, entendendo que minha tia me culpava por ter causado a morte da irmã dela quando nasci. Ela não me queria ali e, sem dúvida, esperava que eu fosse falhar.

Mas não vou falhar!», prometi a mim mesma. Vou estudar mais que qualquer uma e me tornar uma grande sacerdotisa – tão famosa que meu nome será lembrado por mil anos!

Ganeda suspirou.

— Venha...

Com o coração batendo tão forte que tive medo de acordar Eldri, fui na direção dela. Ganeda abriu os braços. *Ela é pouco maior que eu!*, pensei surpresa quando fui para o abraço relutante da mulher mais velha. A grã-sacerdotisa parecera tão alta e imponente antes.

Então Ganeda apertou meus ombros e me puxou com força contra o peito. Eldri, amassada entre nós, acordou se retorcendo subitamente, com um latidinho de surpresa. A sacerdotisa me largou como se eu fosse uma brasa acesa, e senti a cor traiçoeira inundando meu rosto quando a cachorrinha colocou a cabeça para fora do decote de meu vestido.

Alguém sufocou um riso, mas meu impulso de rir morreu com a careta de Ganeda.

— O que é isso? Está zombando de nós?

Havia um tom na voz da sacerdotisa como um trovão distante.

— Ela é uma cachorra das fadas! — exclamei, com os olhos cheios de lágrimas. — Eu a ganhei do povo do lago.

— Uma criatura rara e maravilhosa — disse Cigfolla, antes que Ganeda pudesse falar de novo. — Presentes assim não são concedidos à toa.

Um murmúrio de concordância surgiu das outras sacerdotisas. O trovão mental de Ganeda ainda ecoou por um instante no ar, e então, conforme ficava claro que a maioria das outras sacerdotisas me via com simpatia, Ganeda reprimiu sua raiva e conseguiu dar um sorriso fino.

— De fato um belo presente — ela disse em um fiapo de voz —, mas o Salão das Sacerdotisas não é o lugar para ela.

— Sinto muito, minha senhora — gaguejei —, não sabia onde...

— Não faz diferença — Ganeda me cortou. — A comunidade está esperando. Vá, cumprimente o resto de suas irmãs agora.

Com o filhote ainda espiando de dentro da túnica, fui agradecidamente para os braços de Cigfolla, aspirando a lavanda que perfumava seu vestido. A mulher que estava ao lado dela parecia uma cópia mais

pálida de Ganeda. Ela tinha nos braços uma filhinha de cabelo brilhante como fogo.

— Eu *conheci* seu rosto em visão, pequena, e estou feliz em recebê-la! Sou sua prima Sian, e esta é Dierna — ela disse em voz baixa. A menininha deu um sorriso dentuço, tão bela e rechonchuda quanto uma criança podia ser. Ao lado daquele cabelo afogueado, a mãe dela parecia ainda mais pálida, como se tivesse dado toda a sua força para a filha. *Ou talvez, pensei, o fato de crescer à sombra de Ganeda tenha minado as forças dela.*

— Olá, Dierna. — Apertei a mão rechonchuda.

— Tenho dois anos! — proclamou a menininha. Ela se esticou na direção de Eldri e riu quando a cachorrinha lambeu sua mão.

— Certamente que tem! — respondi, depois de um momento de confusão. Aparentemente era a resposta certa, pois Sian também sorriu.

— Você é muito bem-vinda a Avalon — ela disse, curvando-se para me beijar na testa.

Ao menos um membro da família da minha mãe estava feliz por me ver, pensei, enquanto me virava para a próxima mulher na fila.

Conforme me movia pelo círculo, algumas das mulheres tinham uma carícia para a cachorrinha também, e outras, uma palavra de louvor sobre minha mãe morta. As donzelas que estavam passando pelo treinamento na Ilha Sagrada me receberam com uma admiração encantada, como se eu tivesse tido a intenção de pregar uma peça na grã-sacerdotisa durante todo o tempo. Roud e Gwenna eram da cor loura e corada dos celtas reais, e Heron tinha a constituição esguia e morena do povo do lago. Aelia era quase tão alta quanto eu, embora seu cabelo fosse de um castanho mais claro. Tuli, observando-as na iminência da própria iniciação que se aproximava, e a irmã mais jovem dela, Wren, tinham cabelos louros, cortados curtos como os das outras, e olhos acinzentados. Quando a cachorra, excitada pela atenção, soltou um ganido, elas riram. Aquela não era a maneira como eu gostaria de impressioná-las, mas, para o bem ou para o mal, Eldri parecia ser um talismã poderoso.

E então a formalidade dos cumprimentos acabou, e a fila solene se transformou em um amontoado de mulheres conversando. Mas, enquanto as meninas me levavam para a segurança da Casa das Donzelas, vi Ganeda me observando e percebi que, se minha tia não havia gostado de mim antes, agora iria me odiar. Eu tinha crescido na corte de um príncipe e sabia que nenhum soberano podia se dar ao luxo de ser ridicularizado no próprio salão.

dois

262-63 d.C.

— **m**as para onde vão as pessoas quando visitam o País das Fadas? É apenas o espírito que viaja, como em um sonho, ou o corpo realmente se move entre os mundos?

Estava deitada de bruços com a luz do sol batendo em minhas costas, e as palavras de Wren de fato pareciam vir de outro mundo. Parte da minha mente tinha consciência de estar deitada no solo da Ilha Sagrada com as outras donzelas, ouvindo os ensinamentos de Suona, mas minha essência flutuava em uma espécie de estado intermediário a partir do qual seria muito fácil viajar totalmente.

— Estão aqui ou não? — perguntou Suona, de modo ácido.

— Não de todo — sussurrou Aelia, rindo. Como sempre, ela tinha tomado o lugar ao meu lado.

— Vocês atravessaram as brumas para chegar até aqui, de outro modo teriam ido parar em Inis Witrin — continuou a sacerdotisa. — É mais fácil viajar apenas em espírito, mas, na verdade, o corpo também pode ser transposto por aqueles que foram treinados na sabedoria ancestral...

Rolei de lado e me sentei. Era um dia de primavera com calor atípico, e Suona trouxera as alunas para o pomar de macieiras. A luz descia em um brilho mutante através das folhas novas, sarapintando de dourado os vestidos de linho cru das garotas. Wren pensava sobre a resposta, a cabeça pendida de lado como o pássaro que inspirara o nome dela.

Sempre se podia contar com ela para dizer o óbvio, e, como a mais jovem das donzelas sendo treinadas em Avalon, era alvo de muitas zombarias. Eu já tinha visto o que acontecia quando um novo membro era introduzido em uma matilha de cães de caça, e esperava que todas fossem se unir contra *mim*.

Mas, ainda que Ganeda não demonstrasse nenhum favoritismo, eu era parente da Senhora de Avalon. Talvez fosse poupada por causa do meu tamanho, pois, aos treze anos, Aelia e eu éramos quase tão altas quanto várias das sacerdotisas adultas, ou porque Wren era um alvo tão fácil. De qualquer modo, era a menina mais nova que recebia a implicância, e eu fazia o possível para protegê-la.

— Os cristãos têm uma lenda sobre um profeta chamado Elias, que subiu aos céus em uma carruagem de fogo — eu disse animadamente. Como parte de nossa educação, tínhamos sido levadas a uma missa na outra ilha. — Ele também era um adepto?

Suona parecia um pouco azeda, e as outras garotas riram. Tinham se acostumado a pensar nos cristãos de Inis Witrin como tolos, ainda que geralmente bondosos, velhos que murmuravam preces e tinham se esquecido da sabedoria ancestral. No entanto, se fosse verdade o que eu ouvira falar sobre São José, seu fundador, então eles também haviam tido algum conhecimento dos Mistérios um dia.

— Talvez — respondeu Suona, sem vontade. — Imagino que as leis do Mundo Espiritual sejam similares às do mundo da Natureza e não operem em outros lugares de maneira muito diferente de como operam aqui. Mas é em Avalon que os velhos costumes são praticados e a verdade é lembrada. Para a maioria dos homens, este lugar é apenas um sonho e uma lenda mágica. As senhoritas têm muita sorte de morar aqui!

Os risos minguaram, e as donzelas, percebendo que a paciência da professora estava acabando, arrumaram as saias com decoro em torno de si e se endireitaram de novo.

— Lembro como me senti ao atravessar as brumas pela primeira vez — eu disse —, pois cheguei há apenas três anos. Foi como se minha mente fosse virada do avesso, e então o mundo mudou.

Apenas três anos e, no entanto, era o mundo lá fora que parecia um sonho. Apenas meu pai poderia ter me persuadido a voltar para a terra dos homens, mas ele fora morto por saqueadores saxões no ano anterior. Chorei quando soube, tão amargamente que Ganeda me mandou dormir na Casa da Cura, para não chatear as outras donzelas. Minha garganta se apertou com a memória. Uma sacerdotisa, dissera ela, precisava estar acima do apego humano. Agora, quando me lembrava daquela tristeza, era a raiva que sentia de minha tia que me ajudava a represá-la. Era revoltante pensar que Ganeda era a parente mais próxima que me restava, mas as outras sacerdotisas eram boas, e, entre as donzelas, Aelia era minha amiga inseparável.

Suona sorriu um pouco.

— Imagino que essa seja uma descrição tão boa quanto qualquer outra. Mas aquela não é a única maneira de se mover de um mundo para outro. Deslocar-se da vida nas tribos para Londinium é uma grande jornada para o espírito, e alguns dos que a fazem adoecem e definham como árvores transplantadas para um solo hostil, porque suas mentes não conseguem suportar a mudança.

Assenti. Tinha ido a Londinium várias vezes durante a infância, e embora o príncipe Julius Coelius fosse romano no título e ensinasse os

filhos a falar latim tão bem quanto a língua materna, ainda me lembrava do choque quando atravessamos os portões da cidade e o barulho da capital se levantou em torno de nós, como um mergulho no mar.

— Mas nossos corpos vão para o País das Fadas? — perguntou Wren, que era capaz de se agarrar a um tópico como um terrier quando seu interesse era instigado.

Vendo Suona franzir o cenho, me adiantei mais uma vez.

— Sabemos que nossos corpos sólidos estão aqui sentados no pomar abaixo do Tor, mas com exceção do clima, que às vezes é um pouco diferente, Avalon, que fica entre eles, não é tão diferente do mundo externo.

— Há outras diferenças — disse a sacerdotisa —, que aprenderão quando estiverem em um estágio mais avançado do treinamento. Certos tipos de magia funcionam melhor aqui, porque estamos em um cruzamento de linhas de poder, e por causa da estrutura do Tor... Mas, na maior parte, o que diz é verdade.

— Mas o País das Fadas não é a mesma coisa — disse Tuli. — O tempo lá corre mais devagar, e o povo é mágico.

— É verdade, e ainda assim, um mortal disposto a pagar o preço pode morar lá.

— Qual é o preço? — perguntei.

— Perder as lindas mudanças graduais das estações e todo o conhecimento agregado da mortalidade.

— Isso é assim tão ruim? — questionou Roud, o cabelo ruivo brilhando conforme a trança caía para a frente. — Se for para lá enquanto é jovem?

— Gostaria de ficar para sempre com nove anos? — retrucou Suona.

— Quando tinha nove anos eu era um bebê! — disse Roud, da eminência de seus catorze anos.

— Cada idade tem seus próprios deleites e alegrias — continuou a sacerdotisa —, que são perdidos quando se vai a um lugar onde o tempo não tem significado, para além dos círculos do mundo.

— Claro que quero crescer — murmurou Roud. — Mas quem gostaria de ser *velho*?

Todo mundo, pensei, se Suona estivesse certa. No entanto, era difícil acreditar, pois olhos jovens podiam mirar as árvores e o brilho do sol na água, e jovens ouvidos escutavam a música da cotovia conforme ela subia pelos céus, e um corpo jovem se retorcia de impaciência para correr com Eldri pela grama crescida, para dançar, ser livre.

— E é por isso que, na maioria das vezes, fazemos nossas jornadas apenas em espírito — completou Suona. — E, no momento, os de vocês estão saltitando como ovelhas num gramado. Se tiverem a bondade de focar suas mentes por alguns minutos, temos trabalho a fazer.

Ai de mim, pensei, *não era nada tão empolgante quanto uma viagem ao País das Fadas*. O povo de Avalon, tanto as sacerdotisas quanto os sacerdotes, não passavam todo o tempo em rituais. Lã e linho precisavam ser fiados; os jardins, cuidados; os prédios, consertados. Mas ao menos parte do trabalho envolvia também o coração, além das mãos. Agora, quando as frutas brotavam, era hora de trabalhar com os espíritos das árvores.

— Sentem-se quietas, então, e descansem sobre a terra.

Enquanto a sacerdotisa falava, as garotas se apuravam obedientemente em posição de meditação, as pernas cruzadas como o Cornífero abençoando os animais.

Fechei os olhos, a respiração entrando automaticamente no ritmo lento e regular do transe.

— Vejam com a mente este pomar; as asperezas e suavidades nos troncos das macieiras, o brilho das folhas quando o vento as move. Agora, comecem a ver com outros sentidos. Estendam os braços e toquem o espírito da árvore diante de vocês. Sintam o poder irradiando dela em um brilho dourado.

Ouvindo a voz suave, me vi passando para aquele estado de passividade no qual as imagens se formavam quase imediatamente ao ouvir as palavras. Se era sentimento ou imaginação, não saberia dizer, mas sabia que estava tocando o espírito da árvore.

— Deixe seu próprio poder fluir para fora; agradeça à árvore pelos frutos que deu, ofereça um pouco de sua energia para ajudá-la a fazer mais...

Soltei o fôlego com um suspiro, sentindo que afundava cada vez mais, mesmo quando a árvore ganhou um brilho mais forte. E então percebi que o que via não era uma forma de árvore brilhante, mas a forma de uma mulher iluminada, que estendia os braços e sorria. Por um segundo pensei ver outro país além de mim, cintilando com uma beleza maior até mesmo que a de Avalon. Em resposta a isso, uma alegria pulsou através de mim em uma onda que levou embora toda a consciência.

Quando voltei a mim, estava deitada de costas na grama. Suona estava curvada sobre mim. Podia ver Aelia mais atrás, observando com o rosto pálido e os olhos preocupados.

— Você deveria usar *um pouco* de sua energia — disse Suona, acidamente, endireitando-se. A testa dela estava pontilhada de suor, e eu me perguntei quão difícil teria sido trazer meu espírito de volta. — Uma sacerdotisa precisa aprender não apenas a dar, mas a controlar seu poder!

— Sinto muito — sussurrei. Não me sentia exatamente fraca, mas transparente, ou talvez a substância do mundo tivesse ficado mais fina, pois ainda enxergava um brilho através do tronco da macieira.

A primavera se transformou em verão, mas Sian, a filha da Senhora, continuava adoentada. Nunca chegara a se recuperar por completo do parto da segunda filha, no inverno anterior. Isso me entristecia, pois ela tinha sido bondosa, e eu sentia que ela teria tentado suavizar a severidade da mãe a meu respeito se estivesse bem. Com frequência, durante aqueles longos dias, eu ficava encarregada dos cuidados com Dierna e a pequena Becca. Tinha me tornado uma bela contadora de histórias em minha missão de entretê-las. Às vezes, um dos meninos que estavam sendo treinados pelos druidas, como o pequeno Haggiaia, se juntava a nós.

— Nos dias antigos, antes da chegada dos romanos, havia um rei nas terras do oeste, e o povo reclamava porque sua rainha não tinha lhe dado um filho — falei.

— Ela teve uma filha? — perguntou Dierna, a cabeça brilhante reluzindo na luz da tarde que atravessava obliquamente as árvores em torno do poço sagrado. Era fresco ali no fim do verão, ouvindo a canção sem fim das águas frias que jorravam da fonte sagrada.

A irmã dela, Becca, dormia em uma pilha de cobertores ali perto, com Eldri enrodilhada ao lado. A cadelinha tinha ficado grande demais para ser carregada na parte dianteira do meu vestido, mas ainda não era maior que um gato. Dormindo ali, a não ser pelo focinho negro, ela parecia um monte de lã branca. Haggiaia estava deitado de bruços perto dali, meio apoiado nos cotovelos, o cabelo castanho brilhando no sol.

— Não que eu saiba — respondi.

— Então foi por isso que reclamaram — disse Dierna, decididamente. — Teria ficado tudo bem se ela tivesse uma menina.

Naquela tarde, Sian descansava. Nenhum dos remédios de ervas de Cigfolla parecia ajudá-la. Eu sabia que as sacerdotisas mais velhas estavam preocupadas, embora não falassem sobre isso, ou não teriam ficado tão gratas quando me ofereci para cuidar das duas meninas. Mas na verdade não me incomodava, pois Becca era brilhante e agitada como um filhote, e Dierna era como a irmãzinha que eu sempre desejara ter.

— Quer saber o que aconteceu ou não? — perguntei a ela, divertindo-me involuntariamente.

Haggiaia fez uma careta, mas não era de se espantar que Dierna pensasse que uma filha era mais importante, vivendo na Ilha Sagrada onde os druidas estavam sujeitos à vontade da Senhora de Avalon. Se houvesse um Merlim, a autoridade poderia ser dividida de modo mais equilibrado, mas o último morrera pouco depois do meu nascimento, e ninguém havia herdado seus poderes.

— O que aconteceu? — exigiu o menino.

— O rei amava sua mulher e disse aos conselheiros para esperarem outro ano até que ela tivesse um filho. E, de fato, antes que o ano terminasse eles tiveram uma filhinha.

Aquela não era a maneira como o cantor do salão de meu pai contara a história, mas ele não era um druida, ensinado a memorizar o velho conhecimento com exatidão, e frequentemente dizia que um bardo precisa adaptar seu material ao gosto da audiência. Encorajada pelo sorriso de Dierna, segui inventando.

— A rainha tinha mulheres para cuidar da menina, mas elas adormeceram, e, enquanto todas dormiam, a princesinha desapareceu! Quando acordaram, ficaram apavoradas pensando na fúria do rei. Mas a rainha tinha uma cachorra que dera cria naquela mesma noite, e então as mulheres pegaram dois dos filhotes, mataram-nos e esfregaram o sangue na boca da rainha, colocando os ossos ao lado dela e, quando o rei chegou, juraram que a senhora tinha comido a própria criança!

Agora não apenas as crianças franziam a testa, mas Eldri tinha acordado e me fitava com olhos castanhos reprovadores, como se entendesse cada palavra.

— Preciso agradecer a você também? — murmurei, tentando pensar em como salvar a história. — Não chore, Dierna. Vai dar tudo certo, prometo!

— A rainha morreu? — sussurrou Haggai.

— Na verdade, não, pois o rei a amava e não acreditou nas acusações, embora não pudesse provar que eram falsas. Mas ela *sofreu* uma punição.

— Eles saberiam que os ossos eram de filhotes se ela estivesse em Avalon — declarou Dierna. — Mas sinto pena da mãe cachorro que perdeu seus filhos — ela adicionou, como se pedisse desculpas para Eldri.

— Ela não foi a única! — eu disse, inventando rapidamente sem me preocupar com a forma tradicional da história. — No mesmo país, havia um fazendeiro cuja cadela dava cria todos os anos, e um dos filhotes sempre desaparecia, assim como a filha da rainha. Então o fazendeiro ficou acordado uma noite para ver o que estava acontecendo... — Fiz uma pausa dramática.

— Havia um monstro? — perguntou Dierna, os olhos arregalados.

— Realmente havia, e o fazendeiro girou o machado e cortou suas garras com o filhote ainda preso nelas, e então começou a perseguir a besta que saiu correndo. Não conseguiu pegá-la, mas quando voltou ao celeiro, o que acha que ele encontrou?

— O resto dos filhotes? — exclamou Haggai.

Eldri ganiu em aprovação, e fez outra mudança na história.

— Não só os filhotes estavam lá, mas ao lado deles havia uma linda menininha envolta em um pano bordado, e ela se parecia muito com a rainha!

— E eles a levaram de volta para a mãe, então, não levaram? E todos ficaram felizes. — Dierna saltitava com prazer enquanto providenciava o próprio fim para a história. — E os filhotes também, e todos cresceram juntos, como você e Eldri!

Assenti, rindo, enquanto a cachorrinha pulava em cima de Dierna, lambendo seu rosto com entusiasmo. A menininha caiu para trás, e criança e cachorra rolaram repetidamente sobre a grama. Com o barulho, Becca começou a se agitar, e fui pegá-la.

— É assim que corresponde à confiança que lhe depositaram?

Olhei para cima alarmada, piscando para a forma escura de pé entre mim e o sol. Pus-me de pé, segurando o bebê com força, e percebi que era Ganeda, os traços cansados fazendo uma careta. Mas aquilo não era novidade. A grã-sacerdotisa normalmente franzia o cenho quando olhava para mim.

— Olhe para eles; é uma desgraça! Dierna! Solte esse animal imundo agora!

Ignorei o comentário, pois a pelagem encaracolada de Eldri brilhava como lã lavada ao sol. A cachorra parou primeiro, depois a menininha, o riso desaparecendo de seu rosto ao olhar para a avó.

— Levante-se! — ela berrou para Dierna. — Você é a herdeira de Avalon! E você, menino, volte para o Lado dos Homens. Não tem nada a fazer aqui!

Levantei uma sobrancelha. Dierna vinha de uma linhagem sacerdotal, certamente, mas eu também. E grã-sacerdotisas, como imperadores romanos, eram escolhidas por seus seguidores com base em mérito, não em linhagens de sangue. *Ela quer governar Avalon mesmo depois que tiver ido embora*, pensei então, *e, se a filha morrer, colocará o fardo sobre esta criança...*

— Sim, vovó — disse Dierna, pondo-se de pé e tirando as folhas do vestido. Haggai já se afastava, tentando escapar antes que algo pior lhe acontecesse.

Por um momento, Eldri olhou feio para a grã-sacerdotisa, então trotou pelo gramado e fez um xixi bastante deliberado sob uma árvore. Mordi o lábio para não rir enquanto Ganeda se virava de novo para mim.

— Está na hora de Sian amamentar o bebê. Vou levar as crianças agora.

Com dificuldade, desprendi os dedinhos de Becca da gola do meu vestido e a passei para Ganeda. A grã-sacerdotisa subiu a colina, e Dierna, depois de lançar um olhar pesaroso por sobre o ombro, a seguiu. Enquanto eu as observava indo embora, um nariz gelado tocou minha perna. Peguei a cachorrinha e a aninhei.

— Sinto muito por você ter perdido sua companheira de brincadeiras — falei baixinho, mas, na verdade, era de Dierna que tinha mais pena e, pela criança, não havia nada que eu pudesse fazer.

De tempos em tempos, algum peregrino que vinha a Avalon trazia rumores do mundo além das brumas. O Imperium Galliarum estabelecido por Póstumo no ano em que eu cheguei a Avalon agora incluía a Hispânia e a Gália, além da Britânia. Tinha sido Póstumo, e não Roma, quem escolhera o novo governador para a Baixa Britânia. Corriam boatos de que ele estava reconstruindo as fortalezas que haviam ficado desorganizadas, pois os soldados que as mantinham foram enviados como reforços às minguantes forças romanas no continente, mas não havia muita urgência na questão, pois o norte tinha estado tranquilo por um bom tempo.

De fato, embora parecesse que a Gália sofria a invasão de uma nova estirpe de bárbaros a cada ano, a Britânia seguia cercada por uma paz encantada, como se as brumas tivessem se expandido para separá-la do mundo. As colheitas eram boas, e as tribos do norte continuavam pacificamente no lado delas do muro. Se as regiões ocidentais do Império Romano fossem separadas para sempre do resto, na Britânia, ao menos, ninguém parecia inclinado a lamentar.

Desses acontecimentos, apenas rumores chegavam até Avalon. Ali, a passagem do tempo era marcada pelos grandes festivais que honravam a mudança das estações, celebrados ano após ano, em uma simetria eterna e invariável. Mas a cada inverno Ganeda parecia ficar mais grisalha e encurvada, e, com a chegada da idade adulta, as moças que dormiam na Casa das Donzelas floresciam mais a cada primavera.

Em uma manhã logo depois do equinócio, fui acordada por uma dor difusa na barriga. Quando me levantei e puxei a camisola, descobri na saia a mancha viva de meu primeiro sangue da lua.

Minha primeira reação foi um grande alívio satisfeito, pois Heron e Roud já tinham feito sua passagem, embora fossem ainda mais jovens que eu. Mas elas eram pequenas, bem-feitas e arredondadas, enquanto meu crescimento tinha se concentrado em meus membros longos. Cigfolla dissera para eu não me preocupar, que as meninas mais rechonchudas sempre amadureciam antes e ganhavam ainda mais carnes na meia-idade.

— Quando passar dos trinta e ainda tiver uma cintura, será grata à sua compleição esguia — disse a velha. — Vai ver.

Mas agora eu era a garota mais alta da Casa das Donzelas e, se meus seios não tivessem começado a crescer, teria me perguntado se não

deveria morar com os rapazes do outro lado da colina. Até mesmo Aelia, que era muito parecida comigo fisicamente, tinha começado a menstruar um ano antes.

Entendi o que deveria ser feito – Heron e as outras estavam mais do que dispostas a explicar. Sabia que estava enrubescida, mas consegui manter um tom pragmático quando fui pedir à velha Ciela o musgo absorvente e as meadas de linho, lavadas até uma maciez felpuda, que eram necessárias para embrulhá-lo.

Recebi as felicitações das outras mulheres tão bem quanto consegui, imaginando quanto tempo Ganeda me faria esperar pelo meu ritual. O amadurecimento do corpo era apenas uma marca externa. A transformação interna de criança para moça seria confirmada pelo meu rito de passagem à maturidade.

Vieram me buscar na hora silenciosa logo após a meia-noite, quando apenas as que fazem vigília pela Deusa deveriam estar acordadas. Sonhava com água corrente. Quando o capuz desceu sobre minha cabeça, o sonho se tornou um pesadelo de afogamento. Por alguns instantes de pânico, lutei contra a mão que apertava minha boca, então a consciência aos poucos retornou, identificando o cheiro da lavanda que as sacerdotisas guardavam com suas túnicas, e entendi o que acontecia.

No ano anterior, Aelia tinha sumido da cama quando o som da corneta nos acordara para saudar o sol que se levantava, e depois dela, Heron. Tinham voltado pálidas de cansaço e cheias de segredos para a celebração da passagem naquela noite, e nem pedidos ou ameaças as compeliram a contar às garotas não iniciadas o que acontecera.

Mas tirando o fato de reforçar um sentimento de superioridade que já me parecia excessivo, fosse lá o que tivesse acontecido com elas não parecia ter tido nenhum efeito ruim. Forcei os membros a relaxar, sentindo o começo de um rosnado de Eldri, que sempre dormia na curva do meu braço, e apertei a cachorrinha de volta na roupa de cama, acariciando a pelagem sedosa até que a tensão saísse de seu corpinho.

Gostaria que pudesse vir comigo também, pensei, mas preciso fazer isso sozinha... Então me sentei e permiti que meus sequestradores invisíveis me ajudassem a sair da cama, me envolvessem com um manto quente e me levassem.

O cascalho estalava sob meus pés, e eu sabia que estávamos tomando o caminho que margeava o lago. Senti o cheiro úmido do pântano e ouvi o vento sussurrando nas touceiras de junco, e me perguntei, por um instante, se queriam me levar além da água, para uma das outras ilhas.

Meus acompanhantes mudaram de direção várias vezes, girando-me até que minha cabeça rodasse e apenas um apoio firme em meu cotovelo me impedisse de cair. Instintivamente, levei a mão até o capuz, mas alguém me impediu de levantá-lo.

— Não tente ver — veio um sussurro ríspido em meu ouvido. — Colocou os pés no caminho para um futuro que desconhece. Deve caminhar sem olhar para a infância que ficou para trás, confiando na sabedoria daqueles que foram antes de você para mostrar-lhe o caminho. Entendeu?

Assenti, aceitando a necessidade daquilo para o ritual, mas sempre tive um excelente senso de direção, e conforme a tontura passava, sentia o poder do Tor à minha direita, como um pilar de fogo.

Então começamos a subir, e minha pele se arrepiou ao ser tocada pelo ar frio e úmido. Ouvi o gorgolejo musical de água, e a pequena procissão parou enquanto alguém abria um portão. Percebi que ouvia o riacho que transbordava da Fonte de Sangue ao pé do Tor. Saber onde estava fazia com que eu me sentisse um pouco menos vulnerável. Tentei me convencer de que o estremecimento era por causa do frio.

Subitamente, através da trama grossa do capuz, vislumbrei o brilho avermelhado de tochas. O capuz foi retirado, e vi que eu havia acertado, pois estávamos diante do portão para o cercado do poço. Mas tudo parecia estranho. Mulheres cobertas por véus me cercavam, anônimas na luz vacilante. A menor delas segurou meu braço. Então despiram meu manto, e minha túnica fina de dormir, deixando-me nua diante delas e tremendo no ar frio.

— Nua você veio ao mundo — disse a mesma voz rouca que falara antes. — Nua deverá encontrar a passagem para sua nova vida.

A que me ajudara me puxou para trás. Deduzi que fosse Heron, pelo tamanho. Deveria ser responsabilidade da iniciada mais recente guiar a próxima. As outras mulheres formavam uma fila entre mim e o portão, com as pernas bem abertas.

— Através dessa passagem você veio ao mundo. Passe pelo túnel do nascimento e renasça...

— Deve se arrastar entre as pernas delas até o portão — sussurrou Heron, me empurrando para baixo.

— Através deste túnel você nascerá no círculo das mulheres. Através desta passagem, entrará em um novo mundo...

Mordendo o lábio enquanto o cascalho afundava em meus joelhos, engatinhei para a frente. Senti a trama grosseira de mantos de lã e a suavidade de vestidos de linho roçarem minhas costas conforme as sacerdotisas levantavam as saias para me deixar passar. Enquanto passava sob as coxas delas, sentia peles macias deslizando pela minha, e o aroma

almiscarado da feminilidade delas, vertiginoso como incenso. Foi um choque sair do calor daquele túnel de carne para o ar frio do jardim na outra ponta.

O portão foi aberto. Minha guia me conduziu para atravessá-lo, e as outras mulheres nos seguiram, espalhando-se de cada lado. A última a entrar fechou o portão atrás de mim. A luz das tochas brilhava avermelhada nas águas quietas da lagoa.

Uma forma alta se adiantou, bloqueando minha vista das outras. O formato era o de Cigfolla, mas ela parecia mais alta, e sua voz tinha a ressonância sobrenatural do ritual.

— Você veio ao templo da Grande Deusa. Saiba que Ela usa tantas formas quanto a humanidade, e ainda assim é singular e suprema. É eterna e imutável, e, no entanto, se mostra a nós com uma aparência diferente a cada estação. É Virgem, para sempre intocada e pura. É Mãe, a Fonte de Tudo. E é Sabedoria ancestral que persiste além do túmulo. Eilan, filha de Rian, deseja aceitá-La em todas as Suas aparências?

Umedeci os lábios subitamente secos, mas fiquei feliz em ouvir minha resposta saindo firme e clara.

— Desejo.

A sacerdotisa levantou os braços em uma invocação.

— Senhora, viemos receber em nosso círculo Eilan, filha de Rian, e instruí-la nos mistérios do feminino. Sagrada, ouça-nos agora! Que nossas palavras expressem Tua vontade assim como nossos corpos mostram a forma de Tua divindade, pois comemos, bebemos, respiramos e amamos em Ti...

— Que assim seja — veio um murmúrio aquiescente do círculo, e senti-me começando a relaxar.

Heron envolveu o manto em torno de meus ombros novamente e me empurrou para a frente. Três cadeiras tinham sido colocadas do outro lado do poço. As outras sacerdotisas tinham retirado seus véus, mas as três sentadas ainda estavam envoltas em dobras de linho fino, branco, preto e, no meio, vermelho. Aelia estava sentada do outro lado do círculo; ao cruzarmos o olhar, sorriu.

— Filha da Deusa, você deixou para trás a infância — disse Heron, com a entonação cuidadosa de alguém repetindo falas que acabara de aprender. — Saiba agora quais serão as estações de sua vida.

Ajoelhei-me diante da sacerdotisa que usava o véu branco. Por um instante houve silêncio. Então o tecido fino estremeceu, como se quem o usava estivesse rindo. O som veio doce e metálico como um trinado de sinos, e estremeci, entendendo que o poder da Deusa a tinha possuído, e que algo além de uma sacerdotisa humana estava ali.

— *Sou a flor que se abre no galho* — disse a Virgem.

A voz era suave, doce de promessa, tão familiar quanto a minha própria, embora tivesse certeza de que não a ouvira antes. Ouvi-la era como escutar a canção da minha alma, e soube que aquela era de fato a Deusa.

— *Sou o crescente que coroa o céu.
Sou a luz do sol que brilha na onda
e a brisa que dobra a grama nova.
Nenhum homem jamais Me possuiu,
e no entanto sou o fim de todo desejo.
Caçadora e Sabedoria Sagrada eu sou,
Espírito da Inspiração, e Senhora das Flores.
Olhe para a água e verá Minha face espelhada ali,
pois você pertence a Mim...*

Fechei os olhos, tomada pela imagem do lago, meio velado por uma névoa prateada de chuva. Então as nuvens se abriram. De pé na margem, havia um rapaz cujo cabelo brilhava como os raios do sol, e perto dele vi a mim mesma, os cabelos longos, então soube que aquilo se passava alguns anos no futuro. Eu me movia em direção a ele, mas quando estiquei o braço para tocar sua mão, a cena mudou. Agora via a luz de uma fogueira perto de uma árvore de Beltane coroada de flores. Homens e moças dançavam de modo selvagem em torno dela, e entre eles vi o jovem, os olhos acesos de exaltação conforme a figura velada, que sabia ser eu, era levada para a frente por sacerdotisas coroadas de flores. Então ele me tomava nos braços.

Agora estávamos no caramanchão sagrado. Ele tirou o véu da donzela e vi meu próprio rosto, iluminado de felicidade. Vislumbrei a lua crescente através das folhas novas, e então a cena se dissolveu em uma chuva de estrelas, e era eu mesma de novo, olhando para o Mistério escondido atrás do véu branco.

— Eu a escuto... — sussurrei em uma voz abalada. — Eu a servirei...

— Jura agora abrir mão de sua virgindade apenas ao homem que eu escolher para você, nos ritos sagrados de Avalon?

Olhei, perguntando-me se aquilo era um teste, pois certamente a Senhora tinha me mostrado agora mesmo o homem que eu estava destinada a amar. Mas a voz havia perdido a doçura sobrenatural, e então pensei que talvez a Deusa tivesse ido embora. Ainda assim, sabia que aquele juramento era requerido a todas que serviam como sacerdotisas de Avalon.

— Juro — disse com felicidade, pois mesmo naquele relance de visão minha alma começara a ansiar pelo jovem que havia visto.

— Está bem — disse a Virgem —, mas ainda há Outra a ser ouvida...

Eu me sentei, virando um pouco para a segunda figura, cujo véu escarlate brilhava com o fogo das tochas

— *Sou o fruto que incha nos galhos. Sou a lua cheia que governa o céu...* — A voz era toda dourada, poderosa como o ronronar de algum grande felino, doce como mel, e reconfortante como pão recém-assado.

— *Sou o sol em seu esplendor,
e o vento quente que amadurece o grão.
Dou a Mim mesma em Meus próprios tempos e estações,
e trago a abundância.
Sou Senhora e Mãe, dou à luz e devoro.
Sou a amante e a amada,
e você um dia pertencerá a Mim...*

Conforme ouvia a segunda voz, entendi que aquela também era a Deusa, e curvei a cabeça respeitosamente. E naquele gesto de aceitação, a visão desceu sobre mim mais uma vez.

Estava em um barco mercador romano que singrava à vela cheia. Atrás de mim estava o brilho prateado do mar, mas o barco se movia para a foz de um rio poderoso que havia entalhado muitos canais ramificados em uma planície costeira. Ao meu lado, estava o homem que me cortejara, os olhos fixos no horizonte. A cena mudou, eu estava avançada na gravidez, e depois segurava o bebê no peito, um menino grande e saudável com um tufo de cabelos claros. O choque da sensação quando o bebê mordeu meu mamilo me mandou de volta ao corpo de novo.

— Eu a ouço — sussurrei — e, quando chegar minha estação, eu a servirei.

— Servirá, de fato — respondeu a Senhora —, mas ainda há Outra que precisa ser escutada...

Estremeci quando os panos escuros que envolviam a terceira figura se agitaram.

— *Sou a noz presa ao galho desfolhado* — veio um sussurro como galhos nus raspando uns nos outros com o vento do inverno.

— *Sou a lua minguante, cuja foice colhe as estrelas.
Sou o sol poente
e o vento frio que anuncia a escuridão.
Madura em anos e sabedoria;
Vejo todos os segredos além do Véu.
Sou a Velha e a Rainha da Colheita, Bruxa e Sábia,
e você um dia pertencerá a Mim...*

Aquele sussurro foi um vento que rodopiou minha consciência mais uma vez. Eu me vi mais velha, as vestes rasgadas e o rosto molhado de lágrimas, observando uma fogueira funerária. Por um momento, as chamas se abriram, e vislumbrei o homem louro na pira. Com a dor daquele reconhecimento, a cena mudou para um salão facetado em ouro e mármore, no qual eu estava de pé, usando um diadema e uma túnica púrpura.

Mas, antes que pudesse me perguntar o que fazia ali, tudo mudou novamente, e vi a mim mesma envolta em preto, andando pela areia da praia ao lado de um mar prateado que brilhava. Virei-me do brilho inclemente do sol na água para uma paisagem de pedra nua, que tinha a beleza severa e despojada de um crânio. Aquilo me encheu de medo, e ainda assim sabia que era para onde deveria ir.

Com isso, um anseio despertou em mim pelas brumas frias e colinas verdes de meu próprio país, e voltei a mim novamente, sentada na grama ao lado do Poço Sagrado.

— É a Deusa — tomei fôlego — e eu A servirei. Permita-me apenas terminar minha vida aqui, em Avalon...

— Pede compaixão? — perguntou a figura velada de negro. — Não tenho nenhuma, apenas Necessidade. Não pode escapar de Mim, pois sou seu destino...

Voltei a me sentar, estremecendo, mas misericordiosamente a Sábida não falou novamente.

Não tinha consciência da passagem do tempo, mas lá em cima o céu empalidecia, e senti no ar o frio úmido que prenuncia o amanhecer.

— Você ficou diante da Deusa — disse Cigfolla — e Ela aceitou seus votos. Purificada, deve ficar em vigília e, quando o dia acabar, voltar à comunidade para ser honrada em celebração. Sua nova vida começa ao raiar do sol.

Heron me ajudou a levantar, e todas as mulheres foram na direção da lagoa abaixo da fonte sagrada. Elas a cercaram em um círculo protetor enquanto o céu clareava. Heron retirou meu manto e, enquanto eu tremia, começou a tirar a própria túnica. As outras donzelas e sacerdotisas mais jovens fizeram o mesmo, e senti um instante de satisfação ao ver que não era a única com a pele arrepiada como uma ave depenada.

Percebi que os pássaros cantavam já fazia algum tempo, o coro triunfante vindo das macieiras chamando o sol. A névoa cobria todo o chão e se prendia nos galhos, mas acima já se dissipava, e as tochas fracas eram um fogo pálido no ar que se iluminava. A cada momento, o mundo se tornava mais visível, como se apenas agora se manifestasse. Lentamente, a encosta suave do Tor emergia da névoa inundada de luz rósea.